

as asas da borboleta
e exorcismos diversos



carla dias
poesias



as asas da borboleta

e exorcismos diversos

poesia

Carla Dias



Imagem “borboleta no chapéu”: Carlos Eduardo Drexler

Tratamento da imagem e concepção de capa: Bruno Lucchese

Revisão: Jander Minesso



Dedico os poemas deste - que começou aos pedaços em busca do inteiro
- ao renascer consciente e às dores e às alegrias por ele provocadas. E
também o dedico ao passado, ao bem vivido e ainda vívido, ao azul que
jamais terá o tom do desbotado. Ao aprendizado, caminho íngreme à
sabedoria. E ao dia de chuva que eternizou a todos os outros. Às
tempestades e à compreensão de que elas fazem parte da lida
emocional. Ao ser humano sem vergonha de sê-lo. À catarse. À
metamorfose. Ao exorcismo. À conclusão de um ciclo. Às asas da
borboleta a pentear os cabelos do vento.

Carla Dias



Prefácio

Por Claudia Letti

escritora

Quando Carla Dias me convidou para apresentar este livro eu ainda me sentia a própria borboleta voltando de um prazeroso passeio do "Jardim de Agnes", outra obra onde ela usa palavras como asas para fazer voar a nossa imaginação interior. E foi com o mesmo prazer que me deixei capturar agora pela poesia onde outrora eu só conhecia a sua prosa -- embora sempre poética.

Percorrer estas páginas foi tomar um fôlego na sensibilidade e marcar um encontro com o espelho. As transformações que esta borboleta proporciona tem um rastro luminoso produzido pelo seu azul -- que se faz de intimista mas, repare bem, é otimista por natureza. Há, em cada poema uma luz, uma saída, um farfalhar de asas rumo a um amanhã disposto a colaborar com a vida. Na poesia de Carla, mora uma urgência de se entender e, ao mesmo tempo, entender com a sabedoria que lhe é peculiar, que a vida precisa do espaço dos horizontes para aprumar seus voos.

Quando vi o título deste livro, antes mesmo de tê-lo aberto, lembrei de ter lido em algum lugar que borboleta em grego quer dizer alma (psyche) ou alma imortal. Ao ler *As Asas da Borboleta - e exorcismos diversos*, o significado faz ainda mais sentido. Que exorcismos, catarses ou expurgos conseguiriam realizar com tanta propriedade a metamorfose maior que é a que se veste de esperança? Pois Carla consegue alçar esse sopro esvoaçante em cada linha que lança no ar, deixando a alma liberta de qualquer rotina, teimosia ou cansaço. E, se ela acredita ser um anjo deserdado (que ironia!), podemos creditar à sua poesia a função de guardar nossas asas.



“Não pode haver ausência de boca nas palavras: nenhuma fique desamparada do ser que a revelou.”

Manoel de Barros



FRAGMENTOS DE UM DIA DE CHUVA - EXORCISMO 1 DE 3

Calçadas encharcadas de céu
E no concreto do imaginário
Quebrantam-se fascínios
Que nos alertam para a chegada do desfecho

Até mesmo em dias de chuva
A alma sente a quentura das negações
A voz carrega lamentos
O olhar estremece ao revisitar o passado

E o espírito almeja o futuro
As delicadezas a tiracolo
As alegrias empoleiradas sobre possibilidades
Planos flertando com improvisos

E no presente - emoções a alvejarem o corpo
Acontece o de repente
E todas as querenças são banhadas
Por gotas de insidiosa liberdade



AMOR, FLOR, DOR E OUTRAS RIMAS DESAMPARADAS

Ladra esse amor
Ao meu peito em flor
E renasce silente
Depois se abre em grito
Escandalizando o paraíso
Com a sua nudez

Esse tal amor
Tatua seus abismos
Na minha pele em flor
No meu coração partido
Crava o olhar no meu semblante
E sai de mim sorrindo

Invade esse amor as paredes da casa
Enquadra-se esse amor
Nas mãos amparadas
De cara com a dor
Em espirais e fermatas
Esse amor fecha a cara

Vê-se bem que esse amor
Nasceu em dia de chuva
Escondeu-se debaixo do cobertor
E chorou até a lua
Colheu bálsamos para curar mágoas
E depois saiu: varado de sede e em lágrimas



BREVE BIOGRAFIA DE OUTRO QUE NÃO EU

Tocou a noite com as mãos
Vagabundeou com as estrelas
Com os foguetes e os sonhos
Deu de questionar certezas

Embebedou-se até
De desejo
De segredo
De melancolia

Cantou para a noite enluarada
Assinou da intensidade a autoria
Viu os pés encobertos pela transparência
Da água do mar em vagaroso movimento

Deixou-se levar pela revelia
Alimentou de êxtase a sofreguidão
De quem abortou a monotonia
E amou despuadoradamente a paixão

E ao amanhecer despertou:
A vida estampada na retina



OFERENDA

Uma lasca de desejo
Uma oração sem razão
Três pares de segredos
Uma confissão em construção

Três melindres descarados
Três autos de redenção
Um desfecho recusado
Três tempos de contemplação

Dois suspiros compassados
Dois pensamentos vãos
Dois ramos de pecado
Quatro compassos da canção



DESCABIMENTO

Não tenho pátria
Moro aqui e acolá
Não sei do tempo
Nasci em um lugar nenhum

Minha afeição desvairada
Habita um inócuo ventre
Que a protege da realidade
Que aprisiona no vento

Realidade que se cala
Não levanta a voz ao inimigo
E oferece a outra face ao beijo
Cultiva um abismo para contemplações

Minha afeição vive de precipícios
Vive de morrer diariamente
De se sentir dolente e sem juízo
À espera do aceite



CONVALESCENÇA

Envelhecer...

Livro de cabeceira: bilhetes

Cena preferida: fotografada

E arquivada em porta-retrato

Obra?

Horas despidas da bajulação

Da máscara

Mãos espalmadas

Mãos abraçadas

Vozes recolhidas

A lágrima despejada pelo sentimento

Ao anoitecer

Xícara de chá de ervas

Flores flertando com o silêncio

Música que marcou época: tantas

E o perfume da madrugada

Embriagando confissões



A CANÇÃO VIGENTE

No estar só se permitiu acompanhar
Pela melodia
Pássaros, roncões de motores,
Guitarras embevecidas

No inusitado confortou
A própria alma
Dedicando-se ao aprendizado
Sobre a canção vigente

No silêncio buscou respostas
No diariamente um remédio para rotina
Caiu nos braços da realidade
Superou o fascínio pela distração

Transformou-se
Questionou a simetria
E ao ritmo da liberdade alçou voo
Escolheu apreciar a própria existência

Deixando aos que sobre sua alma
Há tanto tempo debruçam
A missão de compor
Autorais harmonias sobre a ausência



JARDINS

Os jardins nos evitam

Não querem nossos pés sapateando sobre eles

Não querem nossos olhares furtando suas belezas

Não querem nossas palavras ecoando em seu silêncio

Eles nos evitam

Não nos permitem compor a realidade com vontades

Ou caminhar embalados em probabilidades

Ah, a realidade estéril de rotina

Os jardins nos protegem

E nos mantêm personagens das suas lendas

As mantidas em segredo entre o antes e o agora

As que jamais se renderão ao eternamente



A QUEDA

Deleite

A voz vertendo verbos

Equivocados

Inspirando ações

Desaforadas

Mas daquele jeito que mais parece mentira

Deixa-me suspensa

Gostando

E odiando

Querendo

E renegando no mesmo ritmo

Colecionando olhares e tampinhas de garrafa

Enumerando hábitos e afrontas

Provoca-me: consorte

Quarto escuro

Sala arejada

Na corda bamba meu corpo não encontra equilíbrio

E a alma não alcança o sossego

Abro os braços

E antes da queda: suspiro

Dentro de mim

Fatalidades dispersadas

E nasce o sol de antigamente

Com lua de hoje

Com gosto de agora

Aparento imediatismo

Mas amor

Levo tempo para exorcizar

O que já foi embora



Então: a queda
Abro os braços
E cantarolo uma das minhas canções
Preferidas
Salto
Quem me acolhe?
Sabe lá...

A vida?



FRAGMENTOS DE UM DIA DE CHUVA - EXORCISMO 2 DE 3

Laça o sonho, menino
Empina o olhar
Que é para que ele voe
Nesse céu
Azul
Anis
Chapéu nas cabeças
Nossas

Laça o riso escondido
Porque passou da hora de ir para a cama
E depois dessa hora
Sabe lá o que será laçado, menino
Talvez um carinho desamparado
Em busca do alvo
Meio bêbado
Como ficamos ao assistir
Flores insistentes a nascerem nos vãos
De estradas capeadas
Para nos levarem para bem longe...

Sabe onde?
Eu não.



ALÇAPÃO

Olha para mim enquanto cose segredos
No interior de quem sou histórias foram enraizadas
Nas histórias de quem fui devaneios foram concretizados
Ah, que o tempo de amar era mais saboroso antes
Quando eu lambia os beijos de fragilidade de sentir.

Olha bem para mim, pois se esquecer de quem fui ao seu lado
Esquecerá também da sinceridade que dividimos
Esvaziará o sentido de termos velado um o sonho do outro
Estancará a imagem da lua que namoramos ao mesmo tempo
E tantas vezes...

Se precisar de conforto
Encontre-se comigo no que fomos um dia
Nas entrelinhas
Nas beiradas

Nas surpresas



DESCONQUISTAR

O teu sorriso camicase
Flertou com minha alma indiferente
Plantou vertigem no meu corpo
Varreu de mim a solidão

E me embebedou de sutilezas
Apaixonou-me de vontades

Tirou a rede e mandou que eu saltasse
Asas cansadas e suicidas
Beijou meus pés e decretou
A falência da nossa partilha

De amor
Afetos
Alegrias
De realidade



LABIRINTO

Tenta alcançar uma estrela
Com o olhar intranquilo
Suspirando o suspiro
Dos anjos assustados

Quer saber se mais tarde
O mundo lhe caberá mais folgado
E se doerá menos o que falta
E se padecerão de alegria as lágrimas

Se os desencontros serão abolidos
No tecer o passar das horas
E se uma coleção de esperanças
Socorrerá a dolente emoção

E tenta alcançar uma estrela
Hasteando intensidade
Conjugando verbos incisivos
E o labirinto em servidão

Nessa arte
De quase encontrar
O quase



ANJO DESERDADO

Dizem que Deus me deu asas.
E enquanto observo o mundo, de longe,
Também vocifero a calúnia.
Não tenho asas...
Sou dos anjos deserdados.
E a minha presença, às vezes, é falha.
Sou dos anjos que caminham,
Pés descalços na terra quente,
O verão nas costas, na sede.
Ofereço aos meus protegidos
Um olhar doce no ápice da amargura,
Como quem concede ao parceiro
Uma colher extra de açúcar para o amargo,
Ou abre mão da última frase de direito
Só para não alimentar a mágoa do outro,
Enquanto esvazia-se da sua própria.
Quem diria que sou anjo no agora?
Pois encaro a mim no espelho,
Meus olhos encontrando o próprio olhar
Fatigado das decepções para o qual serviu de cenário.
Anjos não cansam?
Não pedem um tempo aos que cuida?
Não ficam debaixo do chuveiro durante muito tempo
Desejando que o corpo pare de doer o cansaço?
Não pedem por lobotomia, sonoterapia, calmante?
Música... Sou dos anjos que dançam a sós, na sala,
Madrugada no talo,
Porque acredita que o que não tem voz
O som da solidão humaniza.



VISITAÇÃO

Eu lhe convido para ver o céu pairando no destino
E as flores rindo de nós dois
Rindo do nosso sacrificio
Em manter tudo no lugar
Neste lugar que é voragem
Este lugar que é solidão
Da mais pura
Bruta
Daquelas que não partem

Eu lhe convido a fazer vigília pelo cansaço
E se dar conta do que já foi
E que ainda assim estamos nos braços
Da fé da qual a vida dispõe
E a fazer café pra agonia
Receber a esperança mais tarde
Bater papo com a filosofia
Deixar o sol sair

Quem sabe?

Velarmos a nós
Sem a dor do descarte



CALMANTES

Teu abraço
Rodopiar banhados de luar
Sorriso escapando
Fácil, fácil

A gente vendo chuva cair
A gente ouvindo música
As mãos no enlace do desejo
De uma paz sem tempo

As guitarras
Os tambores
As cachoeiras
E os desertos onde plantamos cores

O café na padaria em frente
A fé nos amores
A certeza de termos nascido
Na década errada

Os amigos são os mesmos
Pena que nós não somos mais...



VOCÊ E EU

Dói o sorriso

Dói o afago

Dói correr da dor

Dói querer cuidados

Dói o sacrifício

Dói gostar na lata

Dói a madrugada

Dói comer de garfo

Dói a rua escura

Dói o palco iluminado

Dói sair tão cedo

Dói chegar atrasado

Dói morrer de medo

Dói nascer num estalo

Dói perder o fôlego

Dói ganhar abraço

Dói o dia outro

Dói a esperança

Dói a melodia

Dói a insegurança

Dói falar tão alto

Dói pedir presença

Dói colher soluções

Dói ganhar ausência



Estivesse aqui, você
Estivesse na minha presença
Doeria menos ser
Disso tenho certeza



ATÉ MAIS

Voltarei mais tarde
A alma em desalinho
O sonho amarrotado
Voz cantando todas as promessas
Não cumpridas
Jamais deixaria de voltar mais tarde
Num final de tarde
No meio da rotina
Quando muitos apenas aguardam
O sinal de recolher
Voltarei como quem não parte
E não desacredita a felicidade
Mais além, tarde
Nunca tarde demais



AFIGURAÇÃO

Não regressam os dias de ontem,
Os dias de férias da tristeza
Das danças noturnas
Na sala de estar.
E as palavras ditas,
O tom – sons e cores
A fascinação por pouco se importar
Com o desfecho.
Os dias em que ficar de bem com a vida
Era de facilidade graciosa
Pensávamos o sentir
E lá estávamos: sentindo
Tão simples como aqueles dias queriam
E hoje não querem mais
Despirem-se em nossa companhia



VERDADES DESVAIRADAS NUM POEMA SEM TÍTULO

Este poema sobre você
É sobre tudo
Este tudo
Circunflexo
Ambidestro
Um tudo apaziguado
Em dias de batalha
Perdida
De perdições
Nada diplomáticas
Engolida a seco
Este poema sobre você
Está sob o corpo
Sobre os ombros
Dentro do olhar
Nativo das chacinas
Emocionais
Sobrevivente olhar
Azul
Da
Cor
Da
Ausência
Este poema
Está clarividência
Atiça milagres
E os convida
A participar da diferença
Que um poema faz



Ao ser

Estar

Com tanta

Paciência

A vislumbrar os desmantelos

Das vis urgências



VAI PRA ONDE?

Eu busco o detrás por trás do nada
O inverso
O avesso
Eu busco sem zelo nem dó
Busco sem mágoa

Somente eu e minhas máscaras

Eu debruço sobre o tempo biografado
O dia amanhecido
O pão recusado
Desapaixono em dois tempos
Meus dois séculos de desamparo

A boca seca e os olhos aguados

Vai pra onde?
Me leva pela mão?
Me leva pelo coração?

Me leva aonde os sonhos não são vãos
E me ensina a reaprender os mistérios
E suas constelações de apaixonamentos



CARMESIM

Quem dera hoje fosse antigamente
E pudéssemos beber
Das fontes
E não das idéias engarrafadas
E que aos abismos
Não saltassem os heróis
Nem os loucos
Nem os sonhadores

Quem dera hoje fosse de repente
E um gesto de simplicidade
Alucinante
Nortearse a paz dos homens
O questionamento entre os anjos
A canção nascendo
Da boa-vontade acarinhando
A desesperança

Quem dera hoje fosse a qualquer momento
E um beijo do destino
Acabasse afanado pela alegria
E rissem sem motivo
Os ausentes
E os transeuntes
E os camelôs
E os videntes
E que a sombra do descanso
Nascesse para todos
Por que não?



Assim como tem nascido o sol
Que figura na nossa vida
Que nasçam as possibilidades
Ainda que as gratamente descabidas



ENTREVISTA

O que lhe faz sorrir sem pestanejar, assim, no ato?

Onde você acha que mora a importância dessa coisa que é a vida?

O que faria se amanhã não mais houvesse bala de menta?

Onde comeria do mundo se ele se ausentasse de você?

Qual é a sua fantasia sobre dias cinza de verão?

No que lhe faz pensar o som da chuva se esbaldando sobre os telhados das casas vazias?

Há violência no exigir mesmo quando não se quer?

Há paz nas verdades?

Há mutação nas certezas?

Há segundas intenções nos gestos de bondade?

Há descrença na fé?

Como gostaria que lhe amassem? Como quem bate cartão e encara o amor como lida? Ou sem pensar demais sobre como gostaria de ser amado e, simplesmente, se permitisse amar?

Para terminar: até aonde você iria para não pôr ponto final numa história que vive das reticências?



É

É...

Por que você não seria
A gama de ousadias
Que enfeita essa contemplação?

Já que se esbalda em vida
Faz passar o tempo
Incutindo nostalgia
Em estéreis noites de luar.

É...

Não há como evitar ser invadida
Pela melodia
Da solidão letal.

Nas noites em que não habita
A minha geografia
Sinto-me vazia
Em pleno carnaval.



DESARRIMO

Aquieta...

Meu amor afugente o zelo

E venha para a festa

Dos corações partidos

Coloque a máscara do dia

E corra o risco

De estar cara a cara

Com o desconhecido

Alerta, amor

Desvende meu olhar sem sacrificio

Basta se bastar em mim

No meu sorriso

No desarrimo das descobertas

No regalo das horas

Mais incertas



SINFONIA DOS SORRISOS

Peguei-me rindo à toa
Gargalhando no silêncio
Desse tempo em transe
Desse céu avermelhado
Aveludado
Eu que sempre fui do choro
Compus a sinfonia
Dos sorrisos

Peguei-me vagando
O corpo valsando
Sentimentos novos
Os olhos vagueando
Em busca de paisagens
Eu que sempre fui da espera
Fiz acontecer o baile dos delírios

Peguei-me encarando
As curvas do universo
Somando o subtraído
Tirando partido
De um coração partido
Eu que sempre fui das mágoas
Desnudei branduras
Recorri ao perigo e saí a salvo
Sambando ao som dos alaúdes
Dos trovões
Dos adjetivos escondidos
Debaixo da seda do luar



GAROTO

Garoto de olhar inundado de estrelas
Rasgando sorrisos na hora do almoço
Comendo delírios sem pressa
Com as mãos

Com os pés ele foge do cruel da rotina
Escala montanhas em busca de horizontes
E do bom gosto na boca, no corpo, no fio solto
A canção de amor alheia

Não quer da vida mais do que ela possa dar
Quer desfazer os laços
Entre os brios do fracasso, da desilusão
E a coragem de arriscar a fé que lhe resta

Garoto de olhar inundado de mar
Ganha o mundo sem medo
Sai do esconderijo da infância
Carregando vontades e esperança



HISTÓRIA DE VIDA DE UM MENINO DESEJANDO SER HOMEM

O menino ainda não sabe...

Ainda cambaleia, embevecido pelo significado das coisas

Que até há pouco desconhecia

Ainda acredita poder alcançar as estrelas

E faz de conta que o tempo mora no ponteiro do relógio

Que no dicionário habita o significado de tudo

E que as respostas estão disponíveis a todas as dúvidas

Ele não sabe...

Ainda mistura a própria vida com a de personagens de filmes

Acredita que no amanhã poderá resolver o que dói hoje

Que existir é um sopro de felicidade

Que liberdade é poder deitar no chão e olhar no olho do céu

E se deixar levar pela longevidade das paixões

Na intensidade ele aninha sonhos e fatos

No movimento do corpo impregna a dança da disposição

Ele não sabe e quem lhe dirá?

E para quê?

Não sabe este menino do teor e despudor da palavra

Saudade

De como ela ecoa, muda, na alma da gente

E ele sai por aí

Alimentando vontades

Inspirando mudanças

Como se na vida não houvesse

Desencantamentos



Esse menino nada sabe
E tudo sabe
Um tudo dégradé
Abarcando um nada
Em busca de algo



PEDIDOS SEM BENÇÃO

Careço de um regresso
E de um buquê de confissões
Do desenlace dos mistérios
Das lágrimas nas faces

Passeando distraídas
Donas da minha catarse

Careço da tarde quente
Os pés na água fria
Do yin do yang da ciência
Da filosofia em poesia

E da metafísica aguçada
A cuidar dos remendos na minha alma

Careço do anteontem
Da alegria ensimesmada
Da vigília em prol do afeto
Da chave da porta fechada

Porque eu que sempre estive por perto
Careço de partilhar saídas



TONS

Meu amor cabe na mão do tempo.
E não reclama dos segundos gastos na soleira do coração partido.
Cabe no gotejamento das ilusões,
No reverberar da realidade em suas veias floridas.
Lilases.
Tristezas dependuradas a solfejam pretéritos.
Assediadas pela visão notória de um futuro enigmático.
E a felicidade?
Ao Deus-dará da sua ambigüidade
– louca e sã de sanidade abastada –
Encurta a temporada das dores só para festejar um bando de alegrias
coloridas.
Rosáceas bochechas movimentam-se, celebrando a dor menor que cai
em si
E sorri...
Inquietada pelos tons do silêncio.



MORRI DE VIVER

Morri nos primórdios de ontem
Num silêncio de profundidade cortante
Num barulho ensimesmado
Na cadência do apagar os lampiões
Morri com gosto de vida na boca
Com verso na língua
Na ponta dos pés um frio de quem parte
Sem saber se deve fazê-lo
Morri extirpando saudades
Que jamais consegui abrandar
Calando rebeldias que existiam para ilustrar
Minha incapacidade de aquietar o que já estava mudo
Mas ainda ecoava



ARTEIROS

Quem sabe da arte vive de ser arteiro
De pegar furacão na mão e transformá-lo em pião
De enviuar dias úteis
E transformá-los em feriados
Descansar o sombrio como se fosse casaco
Dançar o tango na bossa nova da paixão
Quem sabe da arte se esquece de tudo
Para escrever um romance
Mesmo quando não é amado há tanto tempo
Que o tempo urge
Neste nada tão sedutor
Com direito a mocinhos e bandidos
E heróis independentes
E poetas marginalizados
E bobos da corte babando por um tanto de afago
Quem sabe, sabe
Quem não sabe?
Inventa
Recria
Orienta-se na cadência dessa arte
E desses arteiros
Artistas
E sonhadores inaptos a esquecer
Da sedução que a imaginação
Cultiva



UM DIA DE ALMA VAZIA

Eu me sinto só
Só de solidão inusitada
De sofreguidão que arrebatava
De dias de sol a sós

Eu me sinto só
Só de solidão do herói abandonado pela coragem
Só de solidão da mãe que perde o filho no parto
Só de solidão de quem vive a saudade
De quem não sabe estar a sós

Hoje me levantei tão só
Música muda
Vida estancada
O silêncio em riste



SERVENTIA

Claro-escuro

O pensamento arrancado a fórceps

O livramento

Sabia que tempo também mora

No alimento?

E minha alma tem fome

Sede

Tem pressentimento

E a minha mágoa carece

Do entendimento

Mas é no flagelo

Do desacontecimento

Que a minha história emudece

Seca

Suicida-se

Fala mais do que a boca

Mais do que falaria

Fosse remendada

À serventia de quem?

Quando?

Que serventia há na melancolia

Que não seja angariar delírios?

Que não seja ampliar saudade?



?

Quantas interpretações nós podemos fisgar
de uma mesma imagem?

Quantas emoções nos permitem aproximar
da essência do outro?

E a vida?

Quantas vidas são necessárias para alcançar uma inteira?

O que permite a pessoa a ser a melhor pessoa possível?

E o amor?

Em quantos pedaços devemos nos fragmentar
a fim de alcançá-lo, honesto, intenso?

Quantos dias de chuva

até me esquecer daquele que, de certa forma, foi o começo
de quem hoje sou?

?



RUPTURA

Para conciliar nossos planos
Alveje-me com seu discurso obsceno
Sobre sermos figuras rasuradas
De cartão postal de lugar nenhum.
Fale um pouco mais sobre a benção
Que é não ouvir voz
E jamais abrir mão dos sussurros.
Se nos deleitamos com as estratégias da vida
Também não podemos sorrir
Em plena fatalidade.
Sendo assim, onde ficam as ironias?
Não seladas em cartas nunca abertas.
Não em lençóis puídos.
Não no hoje ou no amanhã.
Onde seria?



COISA E TAL

Deixa eu assuntar
Quero saber viver
Morrer de fê
Furtar luar
Deixa que eu vou trabalhar
Beber o amor
Comer romance com bolacha
Água e sal
Deixa eu acordar
Espreguiçar desejos
Botar mágoa
No varal
Quarar a poesia
Secar as lágrimas
Plantar planos
Varrer o quintal

Hoje o dia nasceu nessa
De coisa e tal
Nasceu pedindo alegria
Compondo pra escola de samba
Ensimesmando acordes de fantasia



RABISCO

Você me deixou a sós comigo

Afugentou meu espaço

Aprisionou minhas asas

Quanto tempo?

Quantas horas espalhadas em quantos anos?

Fragmentou minha alma

Apedrejou minha paixão

E foi saindo como se nada tivesse acontecido

Como se eu fosse um aparte da falta de sentido

De um lar extinto

De um amor sem paradeiro

De um sumiço, um raio

Um gostar sem jeito



TÃO

Taquicardia

Tambores

Flautas

A melodia

No ritmo das horas

A vida toda

Toda essa minha vida

Estive à espera

Da sua companhia

Para dar as mãos

Descansar do cansaço

Para ver as manhãs

Amanhecerem a salvo

Toda essa minha vida

A vida toda

Estive à espera de não ficar à toa

Tão distraída que sou com o vento

Tão fascinada que estou pelo espaço

Tão sozinha, avessa, dispersa

Tão acostumada ao acaso

E ao silêncio das horas aprisionadas no que foi

No foi que ainda assim guardo em mim



BIOGRAFIA

O que sabe sobre mim certamente não é a verdade
A verdade sobre mim é uma mentira-chave
O que pensa sobre mim definitivamente não é detalhe
Pois está longe do que sinto, sou ou do que me cabe

Eu muito sei sobre quem de mim pouco sabe
Eu não confidencio segredos àquele que parte
Mas se solto um grito na boca da saudade
Ela abraça meu coração sem piedade



COISAS DO DENTRO

Hoje estou aqui
Mas sem estar por você
Ou por suas palavras
Ou pelo perfume de tempestade
Hoje não estou pelo perigo
Pela relutância em pedir abrigo
Hoje estou aqui
Mas sem estar por você
Sem me deixar seduzir
Pelas suas histórias de vida
Tampouco pela beleza
Do azul dos espelhos da alma
Do frenesi da partida
Hoje estou moça dos avessos
Vestida em trapos
De melancolia
Ainda assim: não estou por você
Estou por mim
E pela vontade pungente
De seguir adiante
Então passar bem
Passe bem sem mim
Sem meu amor lancinante
Sem meu cuidar protetor
Sem meu querer bem tão de graça
Sem a graça do que você já desejou



BONS VENTOS

Sossega

Não esqueça que amanhã a realidade se despregará do hoje
Que dedos curiosos caminharão pela tez das dores
Que lábios sequiosos beijarão em agridoce

E o recomeço há de aliviar lembranças
Das paixões falecidas e dos desejos requentados
E do canto engolido ao bradar do cansaço
Das tristezas nascidas em dedicação ao afago

Sossega

Que amanhã tem espaço de sobra para a alegria
Que a voz voltará à vida
E a canção bendita bendirá a melodia...

Do renascer aos giros dos sóis da noite
Nos sorrisos fascinados pelo reverberar das cores
Nem tudo tem de ser como é se fosse
Algo pode acontecer e sem o açoite...

Sossega...



MINUTA

Ando precisado de terra
De carne e quentura
De pernas bambeando desejos
E de luminar entrelinha
Com a sabedoria
Dos principiantes
Dos corsários
Dos que navegam sempre ao contrário
Levando as marés nos ombros
E no peito
Um país de vontades



FRAGMENTOS DE UM DIA DE CHUVA - EXORCISMO 3 DE 3

Ressuscita o verbo
Que movimenta a afeição
Que desata os nós
E alimenta o seguir adiante
Faça por mim
Quem sempre esteve
À mercê do seu afeto
E nunca se negou
A conduzir vigília
Nas suas noites
De emoções doloridas
Vai
E me deixa exorcizar
Os planos
Que em silêncio traçamos
Para nós
Desatados
Desmedidos
Nós
Desacolhidos pelo futuro



AUTOEPITÁFIO

Faria tudo de novo
Capricharia no novamente
Faria sem pestanejar
Não fosse o tempo escoando
Não fossem as oportunidades perdidas
Não fossem essas biografias desandadas
Que vestimos antes de nascermos
Antes de sairmos de casa
Não fosse o medo de perder
Antes mesmo de conquistar

2011 © Carla Dias

Todos os direitos reservados.